

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	17.º Anno — XVII Volume — N.º 565	Redacção — Atelier de Gravura Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	5950	5120	I DE SETEMBRO DE 1894	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



JOAQUIM PEDRO D'OLIVEIRA MARTINS — FALLECIDO EM 24 DE AGÓSTO DE 1894

(Copia de uma photographia do sr. Debas)



CHRONICA OCCIDENTAL

Tendo se aggravado, n'estas ultimas semanas, os padecimentos do sr. conde de Paris, que ha tempo soffre de uma doenca d'estomago e que actualmente está residindo em Stowe-House, Inglaterra, partiu para ali a passar uns dias na sua companhia, sua augusta filha, S. M. a sr.^a D. Amelia, a gentilissima rainha dos portuguezes.

S. M., viajando incognita sob o titulo de marquiza de Villa Viçosa, sahio de Lisboa na quarta feira 22, ás sete horas da tarde, no Sud-express, acompanhada pela sua dama de honor, a sr.^a condessa do Seisal, pelo seu veador o sr. conde de Sabugosa, pelo seu medico de serviço, o sr. dr. Thomaz de Mello Breyner e mais tres pessoas de companhia.

A' gare do Rocio foram despedir-se da Rainha, que partiu de Lisboa muito commovida, sua magestade El-rei D. Carlos, ministerio e muitas pessoas da cõrte.

Na fronteira franceza S. M. era esperada pelo sr. Thomaz Rosa, nosso novo ministro em França, que acompanhou a real viajante até Paris, e d'ahi, no Rapido, até Calais.

Sua magestade chegou a Paris, á gare do norte, na sexta feira ás 8 horas e um quarto da noite e era ali esperada por suas altezas a princeza de Joinville, duqueza de Chartres, princeza Margarida d'Orleans, infante D. Antonio de Bourbon, irmão da sr.^a condessa de Paris, condes de Haussonville, duqueza de Luynes, que no inverno passado foi hospeda de S. M. em Lisboa, no Paço das Necessidades, marquezes de Lasteyrie, conde de Chevelly, Eugenio Dufeuille, Calla, capitão Morhain, e por muitas pessoas da colonia portugueza em Paris, entre ellas o sr. conde de Selir, 1.^o secretario da legação portugueza, o nosso consul em Paris, o illustre romancista José Maria Eça de Queiroz e sua esposa, a Ex.^{ma} sr.^a D. Emilia Rezende, o nosso vice-consul, o sr. Domingos d'Oliveira, coronel Paiva d'Andrade, visconde de Wildick, Pereira Soares e seu genro o sr. Joaquim Jardim, irmão do nosso querido amigo o sr. conde de Valençães, o sr. Monteiro e esposa, Moraes, etc.

Sua magestade, cuja carruagem ia litteralmente coberta de flôres, que desde a fronteira franceza, — fronteira que pela primeira vez passava depois do seu casamento com o rei de Portugal, — lhe tinham sido enviadas pelos seus augustos parentes e por muitas das mais illustres familias da colonia portugueza em França, apenas se apeiou abraçou affectuosamente as suas amigas e parentes e cumprimentou todas as pessoas que a estavam esperando na gare, com a affabilidade encantadora que lhe é característica, demorando-se tres quartos de hora n'uma das salas d'espera da 1.^a classe, conversando com essas pessoas, até á partida do comboyo rapido de Calais, comboyo onde sua magestade seguiu com a sua comitiva.

A rainha D. Amelia demora-se em Stowe-House uns oito dias e fazemos votos sinceros para que encontre o seu querido doente muito mais alliviado dos seus dolorosos padecimentos.

Na nossa ultima chronica referimo-nos ao grande movimento de gente que se diverte, que havia nos domingos e dias santos nos suburbios de Lisboa.

Pois n'este ultimo domingo de agosto, esse movimento triplicou, porque as festas triplicaram tambem.

A grande e tradicional romaria do Senhor da Serra, em Bellas, festas na outra banda na Cova da Piedade, e cyrios para a Atalaya, deram, não só no domingo, como tambem no sabbado e na segunda feira — porque a festa dos cyrios e a romaria do Senhor da Serra tem vespersas e completos — uma animação desusada a Lisboa.

No sabbado á tarde começaram a chover sobre o Terreiro do Paço e o Aterro, cyrios que de diversos pontos se dirigiam á Atalaya: n'esse mesmo sabbado de noite principiaram a partir para Bellas as carroças dos festeiros do Senhor da Serra, carregadas de gente, de flôres e de verdura: na segunda feira á tarde voltaram os cyrios da sua piedosa peregrinação e os festeiros do Senhor da Serra da sua alegre e tradicional patuscada.

Pode-se calcular bem, sem medo de exaggerar, em cerca de 30 mil as pessoas que n'esses tres

dias andaram n'essas alegres e populares festas.

Só no domingo, para a Cova da Piedade, os vapores da outra banda transportaram mais de 10 mil pessoas.

Para Bellas não é facil calcular ao certo o numero de festeiros: os comboys, que se succedem durante todo o dia, quasi que sem interrupção, iam todos a abarrotar de passageiros, mas além dos comboys é preciso contar com a quantidade prodigiosa de carruagens, carros, carroças, que desde a vespera á noite enchem a estrada de Bellas, e que a encheram tanto que até despejaram para o outro mundo, atropelando-o, um pobre homem, que em tempo fora barbeiro na rua Nova da Palma, que ha uns 8 annos vivia em Bemfica e que no domingo voltando de Bellas, onde fora procurar divertimento, encontrou a morte instantanea no meio da estrada, debaixo dos carros que passavam com tal rapidez que nem por elle deram!

Nas festas da Cova da Piedade, não houve mortes, que conste, mas houve muita pancada, muito reboliço.

* * *

Festas para uns, tristezas para outros, é a ordem do mundo, e essa ordem mais uma vez se cumpriu dolorosamente n'esses dias em Lisboa, e á mesma hora em que no sabbado milhares de pessoas corriam alegremente em ranchadas para Bellas e para a Atalaya, um punhado de amigos dedicados e de admiradores entusiastas, acompanhavam doloridamente á sua ultima morada o cadaver d'um homem que era uma das mais brilhantes glorias da litteratura portugueza e da politica contemporanea: — o cadaver de Oliveira Martins.

Foi uma dor profundissima para todos os portuguezes, a morte de Oliveira Martins, mas não foi surpresa para ninguém, porque essa morte era esperada como epilogo fatal, irrevogavel, da dolorosa enfermidade que ha mezes o atormentava.

Oliveira Martins era um homem novo, não tinha ainda dobrado o cabo dos 50, estava em toda a pujança do seu enorme talento, em toda a plenitude da sua brilhante gloria.

A sua ultima obra, sahida do prelo ha poucos mezes — a *Vida de Nun'Alves* — fora a sua melhor obra, melhor entre as magnificas obras que tinham sahido da sua penna poderosa, o que demonstra cabalmente que para aquelle grande e luminoso espirito ainda estava longe de soar a hora terrivel e implacavel da decadencia.

A morte veio arrancar o ao paiz quando elle podia ser-lhe tão util, quando a litteratura tinha ainda tanto a esperar d'elle que já tanto lhe tinha dado.

É colossal a obra litteraria de Oliveira Martins; colossal a influencia que o seu talento teve na litteratura, e na politica portugueza.

Foi um trabalhador infatigavel, um grande trabalhador, e teve a rara gloria de, ao contrario da maior parte dos que trabalham muito, trabalhar muito e bem.

A lista de todas as suas obras é enorme, e constitue o mais brilhante e imorredouro monumento da sua gloria.

Além de todos os seus livros Oliveira Martins deixa valiosissimos trabalhos dispersos por immensos jornaes, e entre elles, este proprio jornal, o OCCIDENTE, que teve a honra de o ter por seu collaborador.

A vida de Oliveira Martins foi a vida d'um grande homem, que nunca descansou e que venceu sempre: a sua morte foi a morte d'um justo.

Nos seus ultimos momentos ha um acto muito simples, mas que define e glorifica um caracter; o seu adeus de despedida aos criados que o tinham servido, apertando lhes as mãos e pedindo-lhes perdão de qualquer offensa que d'elle tivessem!

N'elle, o homem intimo valia tanto, era tão grande como o escriptor e como o estadista.

E quando a noticia da sua morte correu todo o paiz, por toda a parte foi commentada com uma phrase, que á força de repetida, é já d'uma banalidade prud'homesca, mas que d'esta vez é d'uma verdade dolorosissima — foi una perda nacional!

* * *

No mesmo dia em que baixou á cova o cadaver d'Oliveira Martins, no mesmo cemiterio e quasi que á mesma hora, sepultou-se o cadaver d'um velho e illustre fidalgo portuguez, d'um militar valente, muito conhecido e muito querido em Lisboa e que nós conheciamos e estimavamos ha muitos annos, por quem tinhamos a sympathia

respeitosa e affectuosa que esse bondoso e honradissimo character inspirava a todos que d'elle se acercavam — o sr. D. Francisco d'Almeida.



D. FRANCISCO D'ALMEIDA

Filho do conde d'Oliveira dos Arcos e de D. Francisca de Palma de Saldanha Oliveira Daun e Lorena, D. Francisco d'Assis d'Almeida e Silva nascera ha 75 annos, em 28 de março de 1819, no solar de sua familia em Palma de Cima, casa para onde ha muitos annos ia passar todos os verões e para onde, caso raro, não fora este anno, por causa d'umas obras que em Palma se estavam a fazer e que elle teve medo que pudessem prejudicar a sua saude!

D. Francisco d'Almeida era sobrinho do marechal duque de Saldanha, de quem foi ajudante de campo, no Porto, durante a revolta da Regeneração, e com quem antes d'isso servira na batalha de Torres Vedras, batalha em que com o seu denodo e a sua bravura conquistou o habito da Torre e Espada.

Em 1876 reformou-se no posto de major. D. Francisco d'Almeida era o prototypo do velho fidalgo portuguez pela sua suprema distincção, pela finura das suas maneiras, pela honradez do seu character, pela bondade do seu coração, pela bonhomia affectuosa que se lhe lia no rosto e captivava logo todas as sympathias.

Paz á sua alma, e os nossos sentidos pezames á sua desolada familia.

* * *

Quasi ao fechar esta chronica chega-nos a noticia d'outra morte tambem muito sentida — a morte da sr.^a condessa de S. Marçal, esposa do nosso presado collega o sr. conde de S. Marçal, um dos proprietarios do *Diario de Noticias*.

Era uma santa e virtuosa senhora, nova ainda, cuja inesperada morte é um golpe terrivel para seu marido que a estremecia.

Acompanhamos o nosso velho amigo na sua grande dôr.

Gervasio Lobato.

OLIVEIRA MARTINS¹

O homem illustre que acaba de entrar no descanso da morte deixa uma obra e um nome que não de certamente durar.

Não queremos fallar do historiador. Ha diferentes especies de *Historias de Portugal*; ha historias que são admiradas e que a gente não lê, ha historias que não se lê nem se admira Oliveira Martins escreveu uma Historia que o leitor lê toda, encontra-lhe defeitos, mas torna a ler, retém tudo na memoria e aprende mais em duas paginas do que n'um grosso volume de pomposa erudição. Como economista, Oliveira Martins mostrava nos algarismos não o mappa frio e a tabella estiril de quantidades economicas sommadas e calculadas. A economia politica era para elle o drama eterno da lucta pela vida — a historia da força

¹ O bello artigo que vai ler-se é de um illustre escriptor brasileiro, que privou muito com Oliveira Martins, mas que, por modestia, não assignou tão bello trecho de prosa.

productora das massas utilizadas sempre, ás vezes impulsionadas e não raro oprimidas pelo capital.

Diga-se embora que a historia é a mestra da vida. Oliveira Martins viveu immenso no passado e nem por isso aprendeu a viver com os homens do seu tempo. Não soube ser politico; não soube triumphar na intriga dos pigmeus quem tanto amou as luctas dos gigantes da Historia e tão bem comprehendeu a vida dos heroes. A convivencia com Nun'Alvares preparou-o mal para tractar com o sr. José Dias Ferreira.

Os amigos de Oliveira Martins chamavam-n'o sempre — o philosopho. Ninguém mais do que elle mereceu, entre os seus contemporaneos, esse glorioso nome. Ninguém mais do que elle praticou a sabedoria; ninguém foi mais feliz do que elle no acerto com que fez e executou essa difficil cousa que se chama — o programma da vida. Oliveira Martins teve, para a formação do seu grande espirito, a fortuna de entrar para uma escola onde só os fortes e os grandes são os premiados. Foi a escola da adversidade, escola bem diversa dos cursos officiaes onde tanto brilha a verbosidade dos incapazes e onde se ensina a individuos que nada são, o segredo de virem a ser tudo.

Oliveira Martins aos quinze annos era caixeiro e sustentava a sua familia. E era um optimo caixeiro. A mesma força de vontade que mais tarde fêl-o um escriptor, que sempre levou-o a fazer bem o que tinha de fazer, serviu-o então no labor humilde com que elle encetou esse trabalho que n'outro dia cessou com o ultimo suspiro do grande homem.

Não é raro que a fraqueza de um espirito juvenil, em que é fresca a sensibilidade, tenha uma feição poetica e por isso os jovens são quasi todos poetas. Ao menos uma vez brota na alma de todo o joven a flôr ideal da poesia depressa murcha e morta para sempre. É a florescencia unica de plantas que em breve morrem. Os espiritos superiores marcham sempre na estrada da vida subindo mais e mais, a cada passo, a montanha mystica do ideal. Os fracos ficam no caminho. Os mediocres são poetas em jovens e homens praticos quando maduros.

Os homens como Oliveira Martins são praticos quando começam e logo veem que o rumo da vida é para as alturas e a existencia d'elles é sempre uma sublime ascensão.

As grandes arvores só florescem tarde. Oliveira Martins, caixeiro em creança, homem de algarismos, foi depois um homem de ideal. A alma do passado, as grandes tradições da sua patria elle as sentiu profundamente. Vivía com ellas e quem sabe se a sua vida não foi prematuramente desfiada pela dolorosa desillusão de todos os dias quando, tendo de desviar os olhos do esplendor do passado, tinha elle de vêr o presente?

A vida elle sabia bem que era cousa que não resistia á analyse. Elle salvava-se no trabalho, n'esse trabalho extraordinario que durou quarenta annos.

Não se pode dizer que Oliveira Martins tinha o talento de bem dividir o seu tempo. O que elle tinha era o magico segredo de multiplicar o tempo. Nunca ninguém o vio apressado. O seu immenso trabalho parecia nada lhe custar. Sem um esforço apparente, em momentos, enchiam-se sobre a sua estante de trabalho, folhas e folhas de papel alvissimo, cuidadosamente dobradas e cortadas. E era uma letra clara, igual, um manuscrito que sahia de um jacto, sem emendas, sem raspaduras, prompto, limpo e completo. E nos momentos de descanso, na frescura da sua sala, que as janellas meio cerradas protegiam contra o sol do verão, os grandes olhos do escriptor, quando illuminados pelo prazer supremo de um pensamento feliz ou de uma bella phrase, percorriam todos os recantos da sala, os livros cuidadosamente arrumados, os quadros, as gravuras que com amor, Oliveira Martins reunira ao redor de si. Não ha duvida que elle então era feliz, no meio sonho em que vivia, na sociedade de Dom João I, do Condestavel e do principe D. Pedro.

E mais feliz foi elle ainda na sua morte. A dor foi a prova real da philosophia do grande homem. A paciencia e a resignação ampararam n'o até ao ultimo instante.

O vago espiritalismo, que era a essencia mesma da sua alma teve uma ultima transformação. Oliveira Martins morreu catholico, cheio de esperanças immortaes que o consolaram.

— Não façam barulho . . . , dizia elle docemente, quasi a sorrir, nos seus ultimos instantes, á familia, aos amigos e aos creados que o cercavam.

Recommendava-lhes que depois do seu ultimo suspiro, não se entregassem com ruido á sua dôr.

A patria portugueza parece ter ouvido a recommendação do morto. Não se fez ruido ao redor do cadaver de Oliveira Martins. Outras mortes tem levantado mais clamores.

A posteridade ha de perguntar a si mesma como poudo viver tão desconhecido da nação um homem como Oliveira Martins. E quando nada restar de quasi todos os nomes hoje populares, ficará o nome de Oliveira Martins como o do maior dos portuguezes da sua epocha.

NOTAS BIOGRAPHICAS

Joaquim Pedro de Oliveira Martins, nasceu em Lisboa no dia 30 de abril de 1845, em uma casa da travessa do Pombal hoje rua da Imprensa Nacional.

Era filho de Francisco Candido Gonçalves Martins, official da Junta do Credito Publico, e de D. Maria Henriqueta Moraes d'Oliveira. Neto paterno do desembargador Joaquim Pedro Gomes d'Oliveira, que foi por duas vezes ministro de El-Rei D. João VI e membro do governo supremo do reino em 1820 até á constituição das côrtes, em 26 de janeiro de 1821.

Tendo fallecido seu pae por occasião da febre amarella, que em 1857 assolou Lisboa, ficou Oliveira Martins orfão aos 12 annos, tendo apenas alguns exames do lyceu de Lisboa e faltando-lhe os recursos para continuar em estudos superiores da engenharia para que seu pae o destinava.

Na curta idade de 12 annos principiaram para elle os trabalhos da lucta pela vida, e teve de se dedicar ao commercio para adquirir meios de viver, pois tinha mais cinco irmãos como elle sem outro patrimonio que a memoria honrada de seu pae.

Atravez de uma vida difficil, mas guiado pelo amor de sua mãe, foi completando a sua educação litteraria e formando o character nas agruras do trabalho, até que, em 1870 partiu para Hespanha como empregado da Companhia de Minas de Santa Eufemia, em Cordova, onde se conservou até 1874, vindo depois para a cidade do Porto, onde fixou a sua residencia e desempenhou o cargo de director da exploração do caminho de ferro do Porto á Pova e Famalicão.

Em 1878 concorreu ao concurso aberto pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, com a memoria sobre *Circulação Fiduciaria*, a qual foi premiada com a medalha de ouro e alcançou para o seu auctor o ser nomeado socio correspondente da mesma academia.

Em 1880 foi eleito presidente da Sociedade de Geographia Commercial do Porto, cargo que exerceu até 1882 sendo-lhe depois conferido o titulo de presidente honorario. Neste anno a Real Academia de Hespanha conferiu-lhe o diploma de socio correspondente, sendo tambem membro do Instituto de Coimbra. Fez parte da commissão districtal do Porto do inquerito industrial de que foi o relator. Em 1884, foi nomeado membro da direcção do Museu Industrial e Commercial do Porto, e fez parte da commissão encarregada de propôr ao governo algumas providencias para melhorar a situação das classes operarias.

Foi eleito deputado a primeira vez, em 1887, pelo Porto, sendo reeleito em successivas legislaturas. Dirigiu a *Regie* antes do actual monopolio dos tabacos.

Fez parte do governo organizado pelo sr. conselheiro José Dias Ferreira, em 17 de janeiro de 1892, como ministro da fazenda, deixando a pasta alguns mezes depois, para voltar aos seus trabalhos litterarios, de sua especial affeição.

Collaborou nos principaes periodicos litterarios e scientificos de Portugal, como a *Revista Scientifica*, *Revista de Portugal*, *Revista de Educação e Ensino*, *Revista Occidental*, *Ocidente*, *Dois Mundos*, além de jornaes, como o *Jornal do Commercio*, *O Reporter*, *A Provincia*, *O Tempo* e outros, assim como em varios jornaes do Brazil para onde escrevia correspondencias.

A sua bagagem litteraria é grande e valiosa. Principiando pela sua memoria *Circulação Fiduciaria*, o seu primeiro trabalho que logo revelou o escriptor e o sábio, encontram-se as seguintes obras:

Portugal Contemporaneo, *Historia da civilização ibérica*, *Historia de Portugal*, *O Brazil e as colonias portuguezas*, *Portugal nos mares*, *Camões os Luziadas e a Renascença em Portugal*, *Navegações e descobrimentos dos portuguezes*, *As raças humanas e a civilização primitiva*, *Systema dos mythos religiosos*, *Quadro das instituições primitivas*, *Historia da republica romana*, *O hellenismo e a civilização christã*, *Taboas de chronologia e geographia historica*, *Phebas Moniz*, *A reorganização do Banco de Portugal*, *O artigo «Banco»*,

Politica e economia nacional, *Projecto de lei de fomento rural*, *Elogio historico de Anselmo Braamcamp*, *O socialismo*, *As eleições*, *O emprestimo portuguez de 1832*, *Carteira d um jornalista*, *Portugal em Africa*, *Inglaterra de hoje*, *Do principio federativo e sua applicação á peninsula hispanica*, *Portugal e o socialismo*, *Exame constitucional da sociedade portugual e sua constituição pelo socialismo*, *Theoria do socialismo*, *Evolução politica e economica das sociedades na Europa*, *A população e a emigração*, *Theoria das instituições politicas*, *Theoria das instituições economicas*, *Geographia politica e estatistica das nações*, *Elementos de chrematistica*.

Ultimamente estava escrevendo um livro de critica historica dos tempos de D. João II, continuação de serie iniciada com os seus livros *Os filhos de D. João I*, e *D. Nuno Alvares Pereira*.

Trabalhou até aos ultimos momentos, se pôde dizer, neste livro, que parece não poudo concluir.

Oliveira Martins era socio de varias sociedades scientificas estrangeiras.

Finou se na sua residencia, na Calçada dos Caetanos n.º 30, 1.º andar pelas 6 horas e meia da manhã do dia 24 de agosto de 1894. O seu corpo foi transportado para a igreja dos Caetanos, onde se celebraram os officios funebres e d'ali transportado para o cemiterio dos Prazeres em muito modesto funeral, como foi sua determinação expressa em testamento.

Deixou viuva a Ex.^{ma} Sr.^a D. Victoria Barbosa d'Oliveira Martins, não deixando filhos.



AS NOSSAS GRAVURAS

QUARTA EXPOSIÇÃO DO «GREMIO ARTISTICO»

COCEGAS — Quadro do sr. José Malhóa

No meio de um campo ceifado de pouco, onde os molhos de trigo espalhados aqui e acolá mostram ainda a faina da ceifa, descança um trabalhador depois de ter comido o jantar que a cachopa lhe trouxe no cabaz, que se vê posto ao lado do grupo.

E a hora do descanso, e enquanto o homem estendido no chão parece querer repousar das fadigas do trabalho, a cachopa vae despertando-o fazendo-lhe cocegas na cara com uma aste de trigo muito galhofeiramente.

Não profundemos como aquella brincadeira acará. Não profundemos.

É esta a historia que o quadro nos conta, e que o sr. Malhóa realisou mui discretamente.

MONUMENTO DA BATALHA

CONVENTO DE SANTA MARIA DA VICTORIA

O monumento da Batalha, como vulgarmente se chama ao convento de Santa Maria da Victoria, fundado por D. João I, em cumprimento do voto por este monarcha feito na celebre batalha de Aljubarrota, marca a epocha mais florescente das artes em Portugal, pelo que é este monumento duplamente glorioso, para a historia dos grandes feitos d'armas dos portuguezes, que elle commemora, e para a historia da arte em Portugal que elle representa.

Admirado por nacionaes e estrangeiros que o tem visitado, a sua fama chega a todo o mundo civilisado que d'elle tem noticia, e raro será encontrar em paiz estrangeiro quem falle de Portugal, que não se refira ao monumento da Batalha como a uma das maravilhas que ha para ver no mundo.

Consolemo-nos, n'esta epocha de decadencia que vamos atravessando, com a recordação d'estas glorias tão nossas e que hão-de resistir atravez de todas as vicissitudes porque está passando a nossa querida patria.

Não se sabe ao certo a data precisa da fundação do convento de Santa Maria da Victoria, porque d'ella não existe noticia no cartorio do convento, suppõe-se, porém, com bom fundamento, que devera ter sido entre os annos de 1386 a 1388, como diz o fallecido escriptor sr. Ignacio de Vilhena Barboza, no seu livro *Monumentos de Portugal*.

Tendo-se ferido a grande batalha de Aljubar-

rota em 14 de agosto de 1385 não é provável que no curto espaço de quatro mezes, quantos faltavam para o completo d'aquelle anno, se planeasse e desse principio á construcção de obra tão formidável, traçada, segundo a tradição, pelo architecto portuguez Affonso Domingues.

Sobre esta sumptuosa fabrica, de que publicamos a vista exterior, que outra descripção poderemos fazer mais completa que a que encontramos no citado livro de Vilhena Barboza, *Monumentos de Portugal?*

A elle, pois, recorremos para descrever a parte exterior do edificio.

A fachada principal do templo está voltada para oeste, e deita para um adro pouco espaçoso, e mais baixo que o terreno que o cerca. Primitivamente estava o adro desafortado, porém as chuvas do inverno, no decurso do tempo, foram arrojando sobre o edificio tal quantidade de terra, por effei-

ção não é preciso ser muito versado nos estudos d'architectura para conhecer logo ao primeiro relancear d'olhos, essa admiravel unidade de pensamento que presidiu á edificacão do templo unindo todas as suas partes nas mais estreitas e intimas relações.

A frontaria principal do templo é tão formosa como singela. Não procurou o architecto sobre-carregal-a de ornamentos superfluos, como se vê na maioria dos edificios gothicos, e com os quaes muitas vezes se pretende occultar ou disfarçar faltas de boas proporções, ou outros defeitos não menos graves. Pelo contrario, ornando com mais esmero a porta e janellas, sem deixar inteiramente nua de adornos a parede correspondente á nave principal, deu realce ao esbelto prospecto do templo, conservando-lhe a magestade de um estilo severo e simples.

O portal é formado de muitas columnas, d'entre as quaes resaltam numerosas estatuas dos

renda ou grade de bonito feito e delicado lavor, flanqueada de pyramides guarnecidas de esculpturas a modo de plumagem. Aos lados do portal encostam-se ás paredes, subindo até á ogiva da janella, dois gigantes ou botareos, decorados singelamente, e com eguaes pyramides por corôa.

As outras duas janellas que se abrem n'esta fachada pertencem ás naves lateraes do templo, que são muito mais baixas do que a nave central. N'estas janellas, além das columnas que as guarnecem e dividem, só as bandeiras ostentam os delicados labores da janella principal.

As naves lateraes tambem são coroadas de graciosas rendas, e flanqueadas de gigantes com suas pyramides, porém aquelles inteiramente despídos de ornatos.

As fachadas lateraes da igreja não são menos nobres e bellas. A do lado do norte cae sobre o claustro real, e a da parte do sul deita para uma rua da villa. Compõe-se este lado do monumento

QUARTA EXPOSIÇÃO DO «GREMIO ARTISTICO»



COEGAS — QUADRO DO SP. JOSÉ MALHÓA

(Cópia de uma photographia do sr. Camacho)

to da sua situação mui baixa, que lhe obstruíram os adros das portas principal e travessa, bem como a base das frontarias da igreja.

Esta circumstancia obrigou os frades, para evitar maiores despesas, a construir em torno de cada um dos ditos adros um pequeno muro, que lhe deu a apparencia de um tanque, para o qual se descia por uma escada de varios degrãos.

Ao presente acham-se desembaraçadas do entulho, e completamente descobertas as bases das fachadas do templo, e o adro principal alargado e guarnecido em vez de muro, com gradaria de pedra, decorada de pyramides, no mesmo gosto das que ornam o edificio.

Todas as pessoas entendidas, tanto nacionaes como estrangeiras, que tem visitado o monumento da Batalha, collocam-n'o entre os mais perfectos typos do gothico puro que ha na Europa. Dão-lhe direito a este logar a nobreza e elegancia das formas, a severidade das linhas, a belleza e sobriedade dos ornatos, a perfeição com que tudo está acabado, e finalmente a singular harmonia que reina em todas as suas partes.

apostolos e de outros santos, collocadas sobre peanhas, e debaixo de baldachinos, tudo aberto em rendas, e lavrado de silvas e arabescos.

A grande janella, que fica sobre o portal, é uma obra de extraordinaria belleza e de incrível trabalho. Com razão diz frei Luiz de Sousa, o elegante chronista da ordem dominicana, descrevendo esta janella, «que se não podia obrar com mais subtilidade e cuidado em trancinhas de agulha, ou em lavor de cera, ou no espelho de uma viola os que o cinzel alli fez na pedra». E continuando acrescenta: «Os vãos que na viola ficam abertos para dar logar ás vozes, que fórma no interior, ficaram cá cerrados de vidraças... debuxadas todas de côres finas e pinturas varias de armas e divisas do reino, de tentações e empezas d'el-rei. E como são muitos os vãos, porque o circulo é muito dilatado, communica dentro muita claridade, e paga com a graça das côres o que ellas lhe diminuem na pureza da luz. Mas faz pasmar a firmeza com que se mantem obra tão miuda tantos annos ha em logar tão alto.»

Esta parte do frontispicio é coroada com uma

dos dois corpos das naves central e lateral; do cruzeiro, e da capella mór.

A nave central é toda rasgada em 16 formosas janellas, 8 por banda, com suas divisões de columnas e bandeiras de pedra rendilhadas, correndo-lhe por cima da mesma gradaria que corôa a fachada principal, igualmente decorada de pyramides.

As naves lateraes contam quatro janellas menos porque o espaço d'estas na do lado do sul, é occupado com a capella sepulchral, chamada do *fundador*. As janellas d'estas duas naves são eguaes em feito ás que lhe ficam superiores, porém de maiores dimensões. Corre-lhes por cima a mesma corôa de grades e pyramides. Entre as janellas das naves lateraes erguem-se gigantes ou botareos, que correspondem ás pyramides das grades, junto das suas pyramides se apoiam os gigantes ou botareos vasados e abertos em quarto de circulo, e guarnecidos de recortes, que servem de sustentaculo á nave central, prolongando-se em todo o seu comprimento, e nascendo da parte superior da parede, entre as janellas, e contiguo á

base das pyramides que decoram a gradaria da dita nave central.

O cruzeiro do lado da fachada do sul, apresenta um prospecto tão bello e grandioso, que o poderia desejar para sua frontaria principal qualquer sé com pretensões a sumptuosa. A porta travessa e uma grande formosa janella tomam a frente do cruzeiro em quasi toda a sua altura e largura, e diria toda exclusivamente, se não fossem os gigantes ou botareos que a robustecem por ambos os lados, e a renda de pedra que a corôa, juntamente com os esbeltos e floreados corucheos em que terminam os gigantes. A porta travessa é muito differente da principal, mas de um risco também elegante, e com tal combinação nos ornamentos, que, apesar de ser toda coberta de brincados, e variados labores, pôde-se dizer que está

cruzeiro. O fundo da capella mór é todo rasgado d'alto a baixo, de janellas dispostas em duas ordens, as cinco superiores muito grandes, indo acabar nos gomos da abobada; as outras cinco mais pequenas.

Visto de cima da abobada apresenta o templo a forma de uma perfeita cruz, sendo feita a haste pela nave central do corpo da igreja, os braços pelo cruzeiro, e o prolongamento da haste pela capella mór. As abobadas das tres naves, do cruzeiro, e da capella mór são cobertas por lageas ou telhões de pedra. Dão accesso para estes terados duas escadas em helice com 120 degraus abertos no grosso das paredes do cruzeiro, onde tem a entrada; e cuja cobertura são elegantes e altas pyramides, ou corucheos todos arrendados e lavrados com diversidade de esculpturas.

SILVEIRA DA MOTA

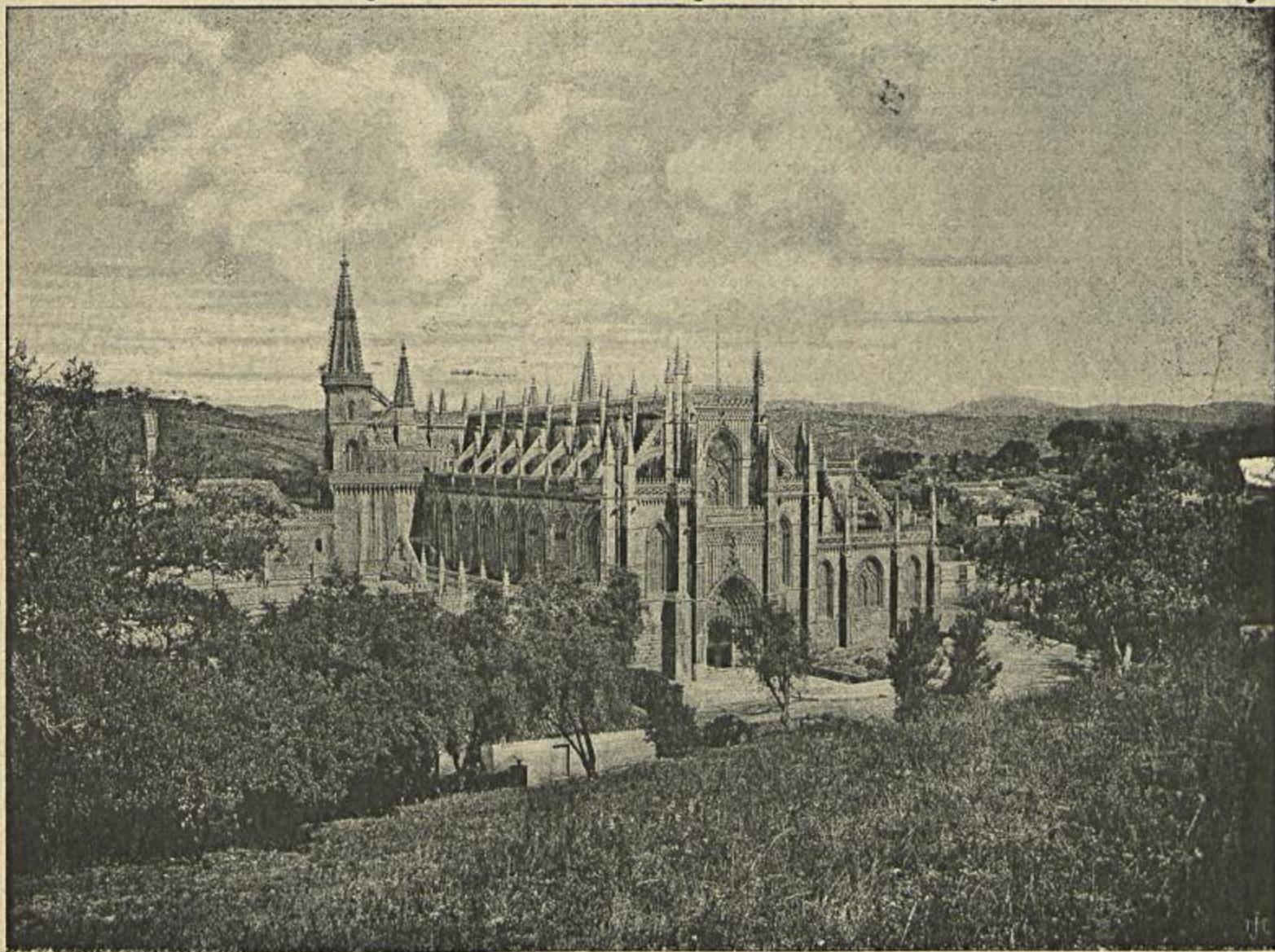
(Continuado do n.º 564)

II

Vae desde 1863 a 1886 o periodo da sua actividade politica.

Foram vinte e tres annos de lucta quasi incessante pelo aperfeiçoamento da causa publica, e de esperanças no triumpho das ideas mais conducentes á civilisação do nosso paiz. Algumas, na verdade, se realisaram, outras ainda esperam do tempo a sua final consagração.

Percorrendo os registos parlamentares, encontramos Silveira da Mota tratando com muita elevação, e sempre com grande cordura, variados



MONUMENTO DA BATALHA — CONVENTO DE SANTA MARIA DA VICTORIA

(Cópia de uma photographia do sr. Camacho)

decorada com elegancia e singeleza. Quanto á janella, todo o seu luxo consiste, além das columnas que a formam, na bandeira, que é uma renda de graciosa invenção e de subtil lavor, sustentada por delgadas columnas que dividem as vidraças de vidros córados.

No lado opposto do cruzeiro abre-se uma janella similhante a esta no feitio, porém mais pequena por causa do altar que lhe fica por baixo em correspondencia á porta travessa. Tem o cruzeiro mais quatro janellas eguaes ás da nave central, duas que deitam sobre a cobertura das naves lateraes, e duas sobre as abobadas das capellas do mesmo cruzeiro, collateraes da capella mór.

Tem a capella mór a forma polygonal, e por corôa a mesma renda de pedra e corucheos floreados que servem de remate aos gigantes que a cercam, no intervalo das janellas. Nas paredes lateraes abrem-se as janellas na parte superior, deitando sobre as coberturas das capellas do

Eis a bella descripção que Vilhena Barbosa faz da parte exterior do edificio do Convento de Santa Maria da Victoria.

UMA DAMA DO SÉCULO XVI

QUADRO DE MASVIERA

O quadro que faz o assumpto da nossa gravura, representa uma dama do seculo xvi, em traje de córte.

A elegancia e riqueza dos costumes do seculo xvi são do periodo mais brilhante da historia, d'essa época de renascimento que se manifestou n'uma verdadeira revolução na sciencia, nas artes e nas industrias.

D'essa época, se pôde dizer, que deriva a evolução da moda nos trajes que, principalmente nas damas tantos pontos de comparação se encontram de umas épocas com as outras.

assumptos de administração em mui diversos ramos, a reforma da constituição, a legislação penal, a fazenda, a liberdade de cultos e do ensino, e também questões ultramarinas. Claramente se vê dos seus discursos que nenhum d'elles é o resultado de uma cabala ou sequer de uma intriga para fazer cahir ou subir ministerios, ou ainda para deitar a perder algum notavel estadista, que, por seus talentos brilhantes e incontestado merecimento, grangeou inimigos que a inveja, mal disfarçada, e quantas vezes encoberta em perfidos sorrisos e nas formulas convencionaes da amisade, preparou adrede para obstruirem o caminho que o pôde levar, entre aclamações, á fama e á gloria. Muito longe d'isso, as orações politicas de Silveira da Mota exprimem tão sómente a madureza da reflexão e o desejo sincero de bem servir a patria. Em todas ellas se nota ao mesmo tempo a facundia da argumentação e a pureza extreme do estylo. A doutrina é sã, a dicção correcta, e a amenidade constante. Pena é que as não haja reunidas em

volume, como ha muito lhe pedem os seus amigos, e mais cedo ou mais tarde virá a succeder. Entretanto, na falta de tão bom subsidio para o desempenho da nossa tarefa, respigaremos no vasto campo do diario das sessões, entre o repicar atroador do campanario, e o latir, não menos incommodo, dos mastins parlamentares, açulados pela cobiça ou pela raiva, alguns dos melhores pensamentos que Silveira da Mota apresentou no parlamento com a convicção de quem trabalha por uma causa justa, e com o desassombro de quem diz a verdade, ou o que em sua consciencia reputa ser a verdade.

Acabara o anno de 1878 com grandes clamores na imprensa politica, nos *meetings* e em algumas associações por causa da concessão de terrenos na Zambezia, feita pelo governo ao sr. Paiva de Andrade, por decreto de 26 de dezembro de 1878.

Accusado de trazer perigos enormes, desastres formidaveis, não só para a provincia de Moçambique, mas para todas as possessões ultramarinas, e talvez até para a metropole, era manifesto que tal decreto havia de ser discutido no parlamento. E, com effeito, assim succedeu.

Silveira da Mota proferiu n'essa occasião um dos seus discursos mais perfeitos. Considerando o assumpto sob dois aspectos differentes, o da legalidade da concessão e o das conveniencias publicas, provou á saciedade, com as leis na mão, que eram justas as concessões feitas pelo governo, e n'esta parte da sua oração foi a um tempo extremamente claro, preciso e logico. E com respeito ás conveniencias publicas, quem dirá que elle não lia no futuro, ouvindo e meditando as suas patrioticas asserções, n'estes dias amargurados em que não se ouve senão conchamar de toda a parte pelo desenvolvimento das colonias como unico elixir para a salvação da patria?

«Com os systemas seguidos até hoje — disse o orador — nunca poderemos elevar as nossas possessões ultramarinas ao estado a que por sua importancia e naturaes recursos muito convém que cheguem. Se queremos pois conservar essas possessões, como é nosso dever impreterivel, e como não sei que alguém possa pôr em duvida; se desejamos povoar e civilisar, condições indispensaveis para as manter; se acreditamos que este paiz possa ainda ser, n'uma epoca mais ou menos proxima, a metropole de um poderoso e opulento imperio ultramarino, é necessario não desprezar meio algum que nos guie a esse fim.»

E indicava quaes eram os meios mais efficazes: crear forças de mar indispensaveis; favorecer a emigração para as terras africanas; e promover a formação de grandes companhias para que a sciencia e o trabalho arranjassem a esses terrenos quasi virgens as riquezas que possuem.

Esta oração produziu o melhor effeito em toda a camara, que a cobriu de applausos.

Na sessão de 20 de março de 1883 Silveira da Mota proferiu outro discurso, opulento de valiosos elementos de estudo e de utilissimas indicações, sobre a conveniencia de se estabelecerem as cadeias cellulares em Portugal. Passando em revista os differentes systemas do regimen penitenciario, o da prisão em commum, o de absoluto isolamento ou de Philadelphia, o de Auburn, o da servidão penal ingleza, o de Crofton ou irlandez, e o da separação absoluta e completa entre os condemnados, explanou esses systemas, apreciou-os um por um, e, dando o seu voto a favor d'aquelle que ministra aos sentenciados o ensino moral e religioso, a instrucção e o trabalho, permitindo-lhes as relações com os empregados, medicos, professores, capellães, etc., terminou combatendo successiva e triumphantemente os argumentos que tinham apresentado os oradores que o precederam no correr da discussão.

Ha n'esse eloquente discurso uma comparação muito feliz entre o Limoeiro e a Penitenciaria, que merece registro, e que vem e ha de vir sempre a proposito emquanto existir a cadeia do Limoeiro para affronta da civilização e da humanidade.

Do Limoeiro disse assim:

«Entre os individuos que habitam n'aquella casa ha malvados que chegaram ao extremo ponto da ferocidade, ha outros em cuja consciencia perversa está totalmente extinta a noção do dever; ha muitos que apenas deram os primeiros passos na estrada do vicio, que expiam leves delictos a que foram impellidos pela ignorancia, pela miseria, pelo infortunio, pelos ruins exemplos, e que sem custo são susceptiveis de regeneração e de emenda; ha de certo homens, naturalmente bons, que a allucinação das paixões arremessou por um momento ao crime, e que deveras deploram o acto practicado; e Deus sabe se ha tambem innocentes, que a fallibilidade da justiça humana tem acaso iniquamente condemnado!»

«Pois de todos esses infelizes só raros poderão escapar ao contagio do vicio no meio d'aquelle mundo perdido, no seio d'aquelle *pandemonium* tremendo, onde facilmente se desvanecerão os sentimentos sãos e justos, onde se desenvolverão com rapidez quaesquer tendencias para o crime.»

«Tal é o Limoeiro, ainda assim, a menos asquerosa de todas as cadeias que possuímos; tal é o systema actual das prisões, que por dois modos contribue para augmentar o numero dos crimes, por um lado annullando o terror da pena, por outro pervertendo os delinquentes e fomentando assim as reincidencias.»

«Ouçamos agora o que disse da penitenciaria, isto é, da nossa penitenciaria, conforme o systema que foi preferido e adoptado:

«O preso, segundo o systema que desejamos applicar, está absoluta e completamente separado dos seus companheiros na pena, mas vê, ouve e fala aos directores da prisão, aos capellães, aos medicos, aos professores, aos mestres dos officios, aos guardas; pode ser visitado pelas pessoas da sua familia ou da sua amisade, e por membros de associações dedicadas ao ensino e morigeração dos presos, e tem por lenitivo aos seus males o trabalho, o estudo, o passeio quotidiano.»

D'este discurso disse com razão a velha *Revolução de Setembro* que «honrou os annos parlamentares.»

Na sessão de 1884 o governo presidido por Fontes Pereira de Mello apresentou ás côrtes uma proposta de lei em que dizia ser reconhecida a necessidade da reforma de alguns artigos da carta constitucional.

Nas sessões de 16 e de 25 de janeiro d'aquelle anno Silveira da Mota teve a palavra sobre essa proposta de lei. Primeiramente observou que ella se reduzia a dois pontos capitaes, a saber: a abolição do pariato hereditario (art. 39.º), e a restricção dos casos em que seria licita a dissolução da camara dos deputados (art. 74.º § 4.º). E, afirmando que as restantes questões eram de importancia notoriamente inferior áquellas, comquanto merecessem approvação, lamentou que a proposta do governo não incluísse outras reformas, a que alludiu, e de que aedeante falaremos.

O que Silveira da Motta disse então da suppressão do pariato deve repetir-se ainda hoje, não só por estar admiravelmente reflectido e formulado, mas ainda e, sobretudo, para impedir a restauração de mais essa velharia, o que em nenhuma maneira seria absurdo suppôr-se, quando nós vemos restabelecer monopolios extintos e condemnados ha longos annos, crear outros nunca imaginados, e ainda por cima assistimos com surpresa e pasmo a tantas e tão diversas tentativas de retrocesso, que já não se apregoam sómente n'algumas gazetas, saudosas dos bons tempos antigos, mas se apresentam ahí ás vistas de todos, como facto consumado, sendo alias contrarias á constituição do reino. Até se annuncia a formação de um partido novo, o partido catholico, que virá ligar perpetuamente o throno e o altar.

«A suppressão do pariato hereditario parece-me que deve ser accepta — disse o orador — Todas as tendencias da sociedade actual contribuem imperiosamente para o predomínio da democracia.»

«Acontecimentos politicos e, sobretudo, circumstancias economicas, dão força a essas tendencias. A vulgarisação dos livros, a multiplicação dos jornaes, o derramamento da instrucção publica elemental e gratuita, o incremento extraordinario das machinas, a facilidade e rapidez da viação, a inviolabilidade da consciencia, a amplidão do direito de votar, a suppressão dos vinculos, as modificações na emphyteuse, o estabelecimento das caixas economicas, o desenvolvimento dos bancos populares, o augmento dos salarios, não destroem a desigualdade natural entre os homens, porque esta é um facto indestructivel, mas convergem em larga escala para reduzir quanto possivel as desigualdades politicas.»

«Ainda quando, porém, a torrente democratica não alluisse e derrubasse instituições, o privilegio de transmittir por herança funções de legislar não poderia subsistir por muito tempo entre nós.»

«O pariato hereditario assenta na opinião de que a desigualdade entre os homens, facto constante e universal, ha de continuar a manifestar-se quasi pelas mesmas formulas do que nos atastados tempos da nobreza feudal, e esta opinião está longe da verdade. Embora o supposto nivelamento social seja fabula só apta para embair neseios, é certo que a egualdade já não pode ser de gerações, mas de pessoas.»

Relativamente á restricção dos casos de dissolução da camara electiva, Silveira da Mota appoiou esta idéa, propendendo para a utilidade de se fixarem clausulas que moderassem o exercicio latissimo da prerogativa regia e consolidassem as pra-

ticas regulares das instituições representativas.

Todavia, o orador não se limitou a uma apreciação benevola da proposta do governo. Pediu afoutamente a liberdade de cultos e a liberdade do ensino. Era, sem duvida, um grande arrojão, embora um esforço inutil. Pois não havia apenas seis annos que uma situação politica, tambem presidida por Fontes Pereira de Mello, regeitara no segredo de um conselho de ministros a mera execução dos artigos do codigo civil respectivos ao registro civil? E que outro resultado poderia esperar-se agora que se proponha a liberdade de cultos e a liberdade do ensino? Mas, quando todas as nações cultas adoptaram essas instituições liberaes, que fundamento haveria de oppor-se a que ellas se estabelecessem da mesma fórma entre nós? O governo respondeu que a discussão devia circumscrever-se aos artigos da carta mencionados na sua proposta, e, quanto á liberdade de cultos, disse que a acceitação da proposta de Silveira da Mota poderia produzir violenta commoção nos espiritos.

«E porque? — perguntou o orador, n'um impeto vehemente, mas feliz. — Quando ha dias manifestei o desejo de que na lei fundamental fosse estatuída a liberdade do culto, advoguei esta causa com sincero sentimento religioso, com profundo respeito pelo catholicismo, com o firme empenho de não offender nem melindrar sequer doutrinas ou interesses; e tive a iugenuidade de suppôr que a minha proposta poderia ser facilmente admittida, não só pelos applausos com que a camara se dignou acolher-a, mas, sobretudo, porque conjecturei que só seria impugnada por aquelles que obstinada e intolerantemente regeitam qualquer doutrina, embora justa de liberdade e democracia.»

«Disse positivamente, com profunda e inabalavel convicção, que a religião catholica é e deve continuar a ser a religião do Estado; disse que o seu culto é e deve continuar a ser mantido a expensas do paiz; e pedi apenas que fosse reconhecido na lei fundamental o direito sacratissimo de cada individuo, nacional ou estrangeiro, adorar a Deus conforme as suas crenças.»

«Em que é que esta prescripção pode perturbar os espiritos?»

«Pois não será pelo menos tão respeitavel a livre expressão do culto como qualquer manifestação do pensamento? Não estará esta liberdade em harmonia com os principios indeclinaveis da justiça?» A todas estas reflexões dava grande força a opinião do conde de Montalembert, pensador orthodoxo citada pelo orador, de que em parte nenhuma o catholicismo é mais vigoroso, mais triumphante e mais florescente do que nos paizes como a França e a Belgica, em que as seitas inimigas gosam da mais ampla liberdade: é ahí a sua condição mil vezes preferivel áquella em que se encontra na Hespanha, em Portugal e na Italia, onde como que adormece confiado na chimera da dominação exclusiva.

E não menos força tirava ainda da convicção que tinha e tem o orador «de que nem a religião carece de meios coercitivos, dos quaes só pode derivar a hypocrisia, nem nós podemos conceder aos poderes publicos a facultade de impedir a liberdade de cultos, que é o logico, o legitimo corollario da liberdade de consciencia, direito originario, inherente á natureza humana, anterior á lei escripta, base e elemento essencial de todas as liberdades.»

Sobre a liberdade do ensino citou a nossa constituição de 1822, que a instituiu entre os seus principios fundamentaes, e sustentou que se lhe não podem nem devem oppor imaginarios pavores de influencia clerical, demagogica ou socialista. Liberdade para todos! — exclamou por fim — «ampla, sincera, forte, fecunda, tanto para os que pensam como nós, como para os que pensam de modo contrario.»

Como orador parlamentar, os seus dotes mais notaveis são a fluencia, a gravidade, a precisão. Penetram com facilidade as suas palavras no animo dos ouvintes, e as suas razões persuadem. Por ultimo, a singleza que apresenta na tribuna deixa em todos uma impressão de grande sympathia e entusiasmo.

Alberto Telles.

MANUEL FERNANDES VILLA-REAL

E O SEU PROCESSO NA INQUISIÇÃO DE LISBOA

XV

(Continuado do n.º 564)

O padre frei Francisco de Macedo (que já foi da Companhia de Jesus, e fugido d'ella se fez capucho, e agora é da Ordem Terceira de S. Francisco, aonde já não pôde socegar, e, para ter mais liberdade, se retirou

a Telheiras) é meu publico inimigo; porque, havendo pregado um sermão em Paris na lingua franceza, que elle ignora, e queixando-me eu e outros da casa do marquez de Niza que nos não havia convidado para ouvir-o, disse ao mesmo marquez que o não fizera, porque fazia mais confiança do mais humilde francez, que de nenhum portuguez. Escandalizado eu d'este proceder, pois se dava por meu amigo, e estavamos todos em uma casa, comendo a uma mesa, lhe não falei alguns dias, até que, querendo, elle desculpar-se, em que se culpou mais, viemos a picar-nos de palavras que me obrigaram a dizer-lhe que pudera haver escusado fazer aquelle sermão, para não zombarem de sua confiança, e muito menos fazer elogios e versos aos principes e senhores da corte, pedindo-lhes a todos dinheiro, e queixando-se dos que lh'o não davam, pois isso era em tão grande descredito da patria, do marquez que o tinha em sua casa por seu confessor, e do habito que trazia. D'aqui resultaram mais palavras, com que ficou meu inimigo declarado. Tudo isto passou, estando nós ceitando, em presença do padre frei Antonio de Serpa, de José Henriques, estribeiro do marquez, Manuel de Leão, Luiz Alvares, Francisco Serrão, Salgado e outros criados do marquez, que poderão dizer quanto estimaram o que eu disse, pelo grande escandalo que todos tinham d'este e d'outros procedimentos do dito padre e de sua grande ambição, pois tudo era pedir dinheiro para mandar a sua irman ou á que lhe é, como elle dizia.

•Acrescentou-se-lhe o odio com que, no tempo das revoltas de Paris, me ordenou o marquez procurasse um passaporte para mandar diante a Nantes aos religiosos que tinha em sua casa, com alguns criados. E, alcançando eu o passaporte, o disse ao marquez, a tempo que n'aquelle instante lhe tinha pedido licença o padre Macedo para ir a S. Germão, aonde a corte estava retirada, para pedir dinheiro á rainha e cardeal pelos elogios que lhe havia feito e por um livro que havia dedicado ao marquez. Ao qual disse eu que lhe protestava da parte de Sua Magestade impedisse aquella petição pelo grande descredito que d'isso resultava a seu real serviço, e mais em tempo que elle marquez aguardava favoravel resposta de sua embaixada, e que a corte não tinha um real para comer, quanto mais para dar ao padre Macedo por papeis cujo gasto havia sahido da fazenda de Sua Magestade. O marquez, reconhecendo que isto era conveniente, escreveu diante de mim e de sua mão um escrito, que mandou copiar por seu secretario Luiz Alvares, em que ordenava ao padre Macedo que logo se viesse para casa (porquanto elle era ido dormir a um convento dos Recoletos), por importar assim ao serviço de Sua Magestade. Soube o padre Macedo d'onde isto procedera e fez queixas da que eu lhe impedia sua fortuna.

•E porque entre os homens que escrevem e se picam de juizo o maior agravo é reprovar-lhes suas obras, o padre Macedo me teve odio mortal, porque eu o não gabava de grande theologo e que só dizia d'elle ser grande latino e facil na composição de versos, que os francezes não estimavam muito. E ultimamente havendo elle composto, com grande segredo, um tratado que intitulou *Mina e contra-mina de Hollanda*, em que havia a mor parte das razões que eu havia dito em outro papel meu contra Hollanda, disse eu que o auctor acertara no escrito, mas não no assumpto, porque não tinha n'elle nenhum fundamento. O que eu dizia era que os principes da Europa impedissem os augmentos dos hollandezes privando-os do commercio que os enriquecia; e elle queria que todos fizessem uma liga, que a força de armas os arruinassem; que era uma coisa impossivel e fóra de proposito.

ERRATA

No fim do artigo *Manuel Fernandes Villa-Real* etc. publicado a pag. 166 do presente vol., deixou-se de imprimir, por engano, o seguinte:

Ouvidos os testemunhos das pessoas indicadas por frei Francisco, deu-se ordem a 29 de outubro a dois familiares para prenderem Villa Real e para este se pôr nos carcerees secretos, visto as suas culpas o pedirem. Assim se executou: e no dia 30 foi o preso entregue ao alcaide dos carcerees e posto em carcere de vigia no segundo do Pateo Velho.

(Continúa).

RAMOS CORLEO.

O SR. MANOEL DO JALECO

SCENAS DA VIDA RUSTICA

A Caetano Alberto

V

N'esse dia, depois da partida do doutor, os dois conjuges não trocaram mais palavra sobre o assumpto que os trazia preoccupados, mas o dono da casa já tinha tomado a sua resolução. A' noite, depois da ceia, deitados os filhos, foram á adega, e lá estiveram moirejando n'uma coisa e n'outra, até que a tia Domingas, não desconfiando de coisa alguma, o deixou também e se foi deitar.

Apenas se apanhou sózinho Jaleco fechou a porta, e encostou a roda de coiro da chave á fechadura, para não deixar ver nada para dentro.

D'ahi foi a uma arca de carvalho, toda chapeada de ferro, com bonitos lances, que elle tinha comprado no leilão do convento, e abrindo-a, tirou para fóra uma espingarda de dois canos, e arumou-a a um canto com todo o cuidado. Estes movimentos eram acompanhados de meias palavras, de phrases entrecortadas, ditas muito baixinho, como se se receiasse das proprias paredes.

— Com que então... Sim, querem ver quem é o Manoel... Se é sobrinho do José Jaleco... hein! É sobrinho, é— e uma casquinada em surdina acompanhou estas palavras.

Depois da espingarda arrumada voltou á arca, que era o seu arsenal, e, mergulhando o braço, trouxe do fundo tres paus ferrados e emponteirados e uma foice roçadeira, nova em folha, polida e brilhante como prata.

— O armamento já aqui está. Vamos a escolher. Todos os paus são bons, disse elle—passando-os em revista, e pegando n'um—mas este é rentio, é de mais confiança. Isto é um marmello real. E deu um pulo, fez dois sarilhos, e atirou dois golpes no ar, que assobiaram como duas balas.—Está na conta; não me deixa ficar mal—e, pegando-lhe na ponta, carregou com a mão no meio.—Um pau real! Um pau para uma feiral!

Dito o que o nosso homem recolheu os outros á arca, que fechou, mettendo a chave na algebeira, e principiou a fazer um cigarro.

—Tomemos uma fumaça, isto não vae a matar. E agora me lembra a recommendação do compadre:—Não mates o homem. Não mato, não, que isso ainda assim não o posso jurar. Mas heide fazer a diligencia... até mesmo porque não o quero pagar por bom ao tal sujeito... ou sujeitos, que elle bem pode ser mais de um. Até agora creio que tem sido um, mas, ás vezes o diabo arma as, e em lugar d'um posso topar com dois ou tres... que sei eu! E, depois d'uma pausa, continuou:—Anda pelo seguro, Manoel, que o Seguro morreu de velho. Nada de creancices: vae tudo—o pau, a foice e a escopeta. Se o caso ficar em palavras bem vae, e Deus o queira; se não, tenho por onde escolher.

Restava examinar a espingarda, que, havia muito, não servia; em casa havia outra somenos, com que espantavam os passaros, no tempo das sementeadas. Manoel passou a examinal a, peça por peça;—os canos, a coronha, os fechos, os gatilhos, tudo viu e limpou como se fosse para uma revista, e, depois de dado um fogacho, carregou os dois canos com quartos e zagalotes, escorvou os pistons com todo o cuidado, e pôz-lhe os fulminantes, que segurou, carregando-os com os cães.

Terminada esta operação, embrulhou tudo n'um pedaço de manta, e atando-a com uma corda forte, cuja resistencia primeiro experimentou, saiu da adega, e foi-se deitar, adormecendo serenamente, como se não estivesse em vespas d'um lance, que podia ter serias consequencias.

VI

Seriam pouco mais de tres horas, e ainda mal se entrevia a primeira claridade, a dubia luz do crepusculo da manhã, quando se abriu e cerrou cautelosamente a porta da cosinha, e um vulto, atravessando o pateo, entrou na quinta, deitando logo fora o cigarro, que levava acceso, parando de quando em quando, com o ouvido á escuta; e, procurando como que romper as trevas com o olhar fixo e prescrutador, tomou pela rua que circumdava as terras, por ser caminho batido onde os passos menos ruido haviam de fazer. Era o nosso Manoel. Chegado ao sitio que elle tão bem conhecia, encostou a espingarda ao muro, depois de pôr os cães no primeiro descanso, e com a foice ao lado, ficando o muro ferrado na mão, sentou-se n'um tronco d'arvore, onde já passára tantas horas de inutil sentinella.

Teria decorrido o tempo de fumar um cigarro, que elle não fumou, para não denunciar com o cheiro do tabaco a sua presença allí, quando lhe pareceu ouvir rumor de passos nas terras por fóra do muro. Prestou ouvido, e reconheceu que não se enganava: os passos approximavam-se, e deixaram de se sentir mesmo junto do muro. Manoel poz se em pé, e encostou-se á parede, encobrindo-se com ella. Acabava elle de fazer isto, quando assomou no alto do muro uma cabeça, e logo em seguida, cavalgando-o lestantemente, um homem saltou para dentro, a quatro ou cinco passos. Era chegado o momento.

—Até que finalmente—disse Manoel, avançando para o desconhecido com passo apressado e firme, de modo a cortar-lhe a deanteira.

Ao ouvir estas palavras o homem parou, e, voltando-se de repellão, perguntou ao Jaleco desabridamente o que é que lhe queria.

—Quero varias coisas—respondeu-lhe este muito serenamente. A primeira é dizer-lhe que ha muitas noites, tenho estado aqui á sua espera para lhe receber a visita, prazer que só tenho n'esta occasião; depois quero que me diga o que o traz aqui, e com quem é o negocio, visto que não é commigo. E não sendo negocio, nem macho, nem fema, quem lhe deu licença para entrar na minha quinta, de noite, pelo muro?

Esta interpeção ao seu intruso hospede, pronunciou-a o quinteiro com uma tranquillidade assustadora, que impressionaria outro que não fosse aquelle a quem fóra dirigida, e que era nem mais nem menos do que um dos mais temiveis e temidos contrabandistas d'aquelles sitios.

—Pois, sim senhor, gostei de o ouvir. Vossemecê fala bem, e, se eu não estivesse com pressa, talvez conversassemos um bocadinho, mas agora não tenho tempo—e ditas estas palavras o outro fez o gesto de se despedir.

—Venha cá, homem de Deus, que ainda tenho mais uma coisa para lhe dizer. Vossemecê vae errado por esse caminho; o caminho é aquelle—e Manoel Jaleco apontou-lhe o muro por onde o contrabandista saltara.

—Agora já percebo: vossemecê está ahí de guarda, e quer-se entreter, mas, eu já lhe disse, não lhe posso dar trela, e o meu caminho eu é que o sei. E como o Jaleco desse um passo para a frente, elle, mudando de tom, levou a mão á altura da cara, e perfilando um dedo ao alto, em ar de ameaça, disse: Olhe que eu sou o Simão *Contrabandista*.

—Fico sabendo, e eu sou o Manoel de Sousa, o Manoel Jaleco. Somos ambos baptisados, mas o caso é outro agora. O seu caminho, sr. Simão, é por allí; eu não o encarreguei de abrir caminho pela minha terra, e portanto vae vossemecê desandar o que andou, sae por aquelle muro, e não volta aqui mais.

—Isso é muito comprido, seu Jaleco; torne lá a dizer.

—Eu estou falando com o sr. Simão, mas o sr. Simão é que vejo não sabe com quem fala. Você está a brincar com o fogo, homem de Deus, veja lá, que se queima!

—Isso é somno, seu Manoel. Vá se deitar, que as pulgas estão á sua espera—réplicas o contrabandista, com um ar insolentissimo.

O conflicto estava imminente. Simão, homem valente e de pulso—os guardas fiscaes conheciam-lhe a astucia e a bravura—não recuava facilmente deante d'outro.

O Jaleco lembrou-se n'este momento da recommendação do compadre, do—não matem o homem—e, como grande jogador que era, tinha já feito mentalmente o golpe, antes de o executar.

O contrabandista, principalmente homem de espingarda, não sabia que estava deante d'um mestre.

A's ultimas palavras do seu adversario o Jaleco, dando dois passos, estendeu a mão, e com um gesto imperioso disse-lhe:

—Ponha-se lá fora, seu garoto!

Ao Simão falcaram-lhe os olhos. Cresceu para o quinteiro, e atirou-lhe uma paulada d'alto a baixo, ás mãos ambas. O golpe foi rapido, e era mortal, mas bateu no chão, e quando elle ia retirar o pau ferrado, Manoel, que se furtara á pancada, que elle já esperava, respondeu-lhe com um rebate, e fez-lhe saltar o pau das mãos, com tanta rapidez e força elle foi jogado.

De navalha em punho o contrabandista investiu então furioso, mas de nada lhe valeu a violencia do ataque; o Jaleco varreu-lhe as estocadas, e poz termo á contenda, partindo-lhe um braço.

Simão, com a violencia da pancada e da dôr, largou a *cuchilla*, mas quando correu para a apanhar, o Jaleco já lhe tinha o pé em cima, e o contrabandista sentiu o braço direito partido. Não era senhor d'elle.

—Estou arranjado, disse elle, lançando um olhar feroz para o quinteiro, mas você ha de m'o pagar.

—Assim o quiz. E dê graças a Deus, que o caso podia sair-lhe mais serio. Vamo-nos embora, que temos de ir á villa.

—Quem me manda a mim ser tolo, resmungou Simão, mordendo-se com a dôr e com a raiva. Se eu tivesse trazido a espingarda, não me acontecia esta!

—Se a trouxesse, estava ali outra—respondeu-lhe o Jaleco, apontando para a espingarda e a roçadeira, encostadas ao muro.

O contrabandista oiçou, encolheu os hombros, e rosou entre dentes:

—Tinha de ser. Uma vez é a primeira.

VII

N'este findar da contenda os veiu achar a tia Maria Domingas. Não vira ella nada, mas o silencio e a attitudé dos dois homens, a expressão da physionomia do contrabandista, que era de si mal encarado, e o sorriso contrafeito com que Manoel a acolheu, tudo lhe dizia que houvera novidade, mas foi em vão que os seus olhos curiosos procuraram os vestigios da lucta entre os dois.

— Então era este...

O Jaleco não a deixou proseguir, fez lhe um signal com a mão, e disse lhe:

— Apareceste em boa occasião. Manda metter os bois ao carro, e que me arranjem a egua, porque nós vamos já para a villa. Este homem, ao saltar aqui o muro, caiu mal, e vim aqui achal-o com um braço desmanchado, ou coisa que o valha. Anda, vae depressa, que eu almoço lá em casa do compadre.

A pouco espaço atraz da tia Domingas seguiram os dois, ambos cabisbaixos e tristes, um por se ver ferido, humilhado e preso, e o outro por se achar mettido em trabalhos por culpa alheia.

Não tinham trocado uma palavra entre si, quando chegaram perto da casa. Já se ouvia a voz de Maria Domingas e os gritos alegres dos pequenos, que vinham correndo ao encontro do pae.

Os moços atravessavam açodados o pateo, para onde dava tambem uma das portas da estrebaria, trazendo já os bois, dois animaes corpulentos e nedios, que attestavam o esmero do tratamento. A uma argola, presa por uma corda, já arreiada e prompta, estava a egua.

— A egua já está arraçoadá, patrão, disse o moço, e vae-se a metter o gado ao carro. Agora vossemecê dirá se manda mais alguma coisa.

— Olha, Antonio, ainda ahi está uma pipa, que havia de ir para casa do boticario. Mettam-a ahi no carro, que aproveito a occasião, e deixo-lh'a lá.

E voltando-se para o contrabandista:

— A vossemecê vinho não lhe offereço, porque sei que agora lhe faz mal, mas se quer comer alguma coisa, está ás suas ordens.

— Obrigado, não tenho vontade— respondeu o outro.

A atmosphera, a principio enevoada, fôra clareando no rapido decorrer d'estas scenas, e quando a tia Domingas, saindo de casa, chegou ao pé dos recém-chegados, e se affirmou no contrabandista, reconheceu-o: fôra o seu primeiro conversado, quando ella estivera em Quadrazaes. Passava já de doze annos que isso fôra, mas elle não lhe escapou, e, quando lhe ouviu a voz, ficou certa de quem era o desconhecido.

— Guarde a Deus, sr.^a Maria Domingas, disse elle, levando a mão ao chapéu.

— Então era vossemecê quem nos deu estes trabalhos.

— Por meu mal, era eu, era... Nós vamos embora, e eu quero deixar tudo bem claro aqui. Assim como assim, já não tenho nada a perder em dizer a verdade. Eu ando a monte... Entende-me? Ando fugido da terra, vae já para nove mezes que saí de Quadrazaes...

— Por causa dos guardas? perguntou o Jaleco.

— Por isso... e por outra coisa... Tive uma desgraça...

— Alguma morte?

Simão ficou silencioso, e depois, meneiando a cabeça, como se lhe custasse a falar:

— Lá vae tudo. Tanto se me dá... Denunciaram nos, e os guardas eram muitos em nossa perseguição, e quasi todos a cavallo. Tivemos de largar a carga e perdemos tudo, a fazenda e as bestas. Andou talvez por seiscentos mil réis o prejuizo. Um dia encontrei-me com o denunciante n'uma serra. Quando o vi, vi o diabo! Fugiu-me a luz

dos olhos... Foi a minha perdição! Agora aqui estou, e será o que Deus quizer.

— Dá cá uma cinta, Maria, para este homem metter o braço ao peito.

— Está tudo prompto, patrão, veio dizer n'este momento o Antonio.

— Então vamos. Tome lá a cinta, e suba para o carro, sr. Simão. Ajuda esse homem, Antonio.

E o Manoel Jaleco, afastando se com a mulher, disse-lhe algumas palavras em voz baixa. A tia Domingas empallideceu.

— E agora? perguntou ella, com a voz anciosa. Vae entregal-o á justiça? Que tu, tambem, com a avaria que lhe fizeste...

— Não te enfades por minha causa, por mim não temas. Eu vou ter com o compadre, e o que elle disser é o que se ha de fazer. As novidades que houver, se eu não voltar já, mando t'as pelo Antonio.

O carro ia a sair. Manoel, já a cavallo, atravessando o pau na sella, d'onde pendia uma clavinha, —precaução da tia Domingas—voltou-se para a

dam para ahi a dizer. Tudo leva antes a pensar o contrario, se é que as apparencias não illudem, e para isso basta lêr nos jornaes as noticias dos ministros que andam em veligiatura—como agora se diz—por esse Portugal fora, estando em toda a parte, menos no seu logar, e com os ministros os directores geraes, os chefes, os sub chefes, os officiaes, de modo que quem vae ás secretarias de estado, encontra apenas por lá um ou outro solitario continuo, a quem as magras cedulas do seu vencimento não permitem mais que um passeio ao Senhor da Serra, ou ir buscar os cirios da Atalaya a Cacilhas.

O mais é regabofe geral em toda a linha porque de ha muito que os portuguezes entenderam que «tristezas não pagam dividas».

Antes assim, porque é um mal de menos; vão-se as tristeza e fiquem as dividas, visto que se não pôde dar cabo d'ellas tambem, o que até certo ponto pôde ser excesso de pessimismo, se dermos credito ás ultimas contas publicadas do thesouro, que mostram um sensivel augmento na receita e não menos sensivel diminuição na despeza.

Ora com tão bons auspicios não admira que os ministros andem tão despreoccupadamente veraneando pela provincia, emquanto não vão para as praias, banqueteando-se e fazendo discursos que enchem as columnas dos jornaes politicos, á falta de artigos de fundo, que estavam sendo uma chorradeira insupportavel em alguns dos ditos jornaes.

O discurso do sr. ministro das obras pnblicas, é, principalmente o que mais tem dado que fallar nos ultimos dias, e depois do relatorio côr de rosa do sr. ministro da fazenda, é a peça oratoria mais animadora que se tem produzido, não precisamente no seio do gabinete, aias no meio de um jantar que uns amigos do joven ministro lhe offereceram na cidade do Porto.

Aquelle discurso não parece um brinde feito no meio de um jantar, mas o discurso da corôa no meio dos representantes da nação.

N'elle se dá conta do que o governo tem feito; n'elle se dá conta do que o governo tenciona fazer. Para estar completo falta só dizer que as nossas relações com as potencias continuam inalteraveis e na melhor cordealidade, e exhortar os dignos pares e deputados da nação a que analysem e estudem com o seu amor patrio nunca desmentido, as varias leis que o governo lhes hade apresentar á sua sabia apreciação etc. etc.

E' verdade que para discurso da corôa já não vinha cedo, a não ser que o dito discurso, em vez de se fazer na sala do parlamento se faça agora na sala de jantar de qualquer banquete ministerial.

Como estamos em fim de seculo, não seria para extranhar esta innovação, aliaz muito acceitavel n'estes tempos, em que todas as coisas graves se tratam no meio de jantares e se resolvem entre o champagne e o café.

Hade ser isto; aquelle discurso é o discurso da corôa e tanto é elle que até já os jornaes principiam a escabichar n'elle discutindo o como peça official.

E estavam para ahi a chorar pela abertura do parlamento!

João Verdades.



UMA DAMA DO SECULO XVI

QUADRO DE MASHIERA

mulher, e pondo um dedo na bocca, recommendou-lhe silencio sobre o caso. Depois, dando uma palmada no pescoço da egua, disse:

—Vamos, Bonita.

Maria Domingas foi-os seguindo com os olhos pela estrada, e quando todos desapareceram na primeira volta do caminho, virou para dentro, preocupada e triste.

—Pobre rapaz! Bem creado e mal fadado! Quem diria... murmurou ella.

Recordação d'outros tempos. Era mulher e tinha coração.

(Continúa).

Zacharias d'Aça.



REVISTA POLITICA

Não se diga que isto vae mal e que o paiz está á beira do abysmo, como alguns choramingas an-

ALMANACH ILLUSTRADO DO «OCCIDENTE»

Para 1895

Vae entrar no prelo este magnifico annuario para o qual se recebem annuncios até o fim d'este mez.

Recebem-se desde já encomendas na Empreza do «OCCIDENTE», L. do Poço Novo, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Barata & Sanches, antiga casa Adolpho, Modesto & C.^a